

O Desafio da Evangelização num Contexto de Sincretismo Religioso

Key Yuasa

Dados Iniciais sobre o Sincretismo no Brasil

Em sua monumental obra sobre as religiões afro-brasileiras e interpretação das civilizações no Brasil, Roger Bastide faz uma geografia dos cultos,¹ e localiza a:

Pajelança e o *Catimbó* de influência indígena e cabocla na Amazônia, os *cultos africanos indigenizados e acabocladados* no Maranhão, os *Xangôs* e *Candomblés* no Nordeste, desde Pernambuco até a Bahia e espalhando-se pelas circunvizinhanças ou emigrando para o sul com os migrantes, a *Macumba* e a *Umbanda* sobretudo nas regiões sudeste e central do Brasil e o *Batuque* no Rio Grande do Sul. Desde os anos 50 e inícios dos 60, quando o autor estudou o assunto e publicou esta obra, deve ter havido muita migração do movimento nesse quadro, mas esses dados são excelente ponto de partida.

Para completar em grandes linhas o quadro dos sincretismos no Brasil, poderíamos acrescentar o *Espiritismo Kardecista* presente em quase todos os centros urbanos, especialmente nos maiores. Concomitantemente, as *religiões de tipo gnóstico*, como *Rosacruzianismo*, as *Lojas Maçônicas*, especialmente em centros maiores. E logo a presença de um *Catolicismo Popular* misturado com outras doutrinas, como as acima mencionadas, em todas as partes do Brasil.

Antropólogos conhecidos têm feito análise desses encontros e misturas de religiões, e tem anotado o fato de que a herança africana não é una e uniforme, mas é de diversas origens e multiforme em suas manifestações.

Arthur Ramos, examinando esse universo variado de formas de religiosidade e de sincretismos entre eles, propôs para o Brasil o seguinte quadro de graus de sincretismo:

1. jejê-nagô
2. jejê-nagô-malê
3. jejê-nagô-banto
4. jejê-nagô-malê-banto
5. jejê-nagô-malê-banto-caboclo
6. jejê-nagô-malê-banto-caboclo-espírita
7. jejê-nagô-malê-banto-caboclo-espírita-católico
8. jejê-nagô-malê-banto-caboclo-espírita-católico-teosófico²

Nesse quadro, jejê, nagô, malê e banto representam heranças africanas provindas dos Iorubas, dos Bantus, de Dahomey, de Angola, do Congo, da África do Sul, de Moçambique, etc. Malê significaria a presença de herança muçulmana. O caboclo indica a presença de influência de pajelança, caticimbó e outras revivescências indígenas, e o teosófico seriam os grupos dos tipos gnósticos, etc. Os tipos 7 e 8 seriam os que predominam no Brasil.

Waldemar Valente trabalha a partir desse quadro e com suas observações em Pernambuco propõe as seguintes modificações:

1. jejê-nagô
2. jejê-nagô-malê
3. jejê-nagô-banto
4. jejê-nagô-mina
5. jejê-nagô-malê-banto
6. jejê-nagô-malê-mina
7. jejê-nagô-malê-banto-mina
8. afro-tupi
9. afro-tupi-espírita
10. afro-tupi-espírita-católico
11. afro-tupi-espírita-católico-protestante
12. afro-tupi-espírita-cristão-teosófico
13. afro-tupi-espírita-cristão-teosófico-esotérico
14. afro-tupi-espírita-cristão-teosófico-esotérico-quiromântico.³

Nota-se que Valente identifica mais um grupo africano ou seja o grupo mina. A palavra caboclo do quadro acima foi substituída por afro-tupi, que denota sincretismo afro-indígena; também verificou a presença de misturas do catolicismo com protestantismo, logo, cristão (católico-protestante) com teosofismo, e verifica a presença crescente do esoterismo, e dos sortilégios quirocartomânticos. Mina indicaria também presença da influência maometana, assim como a palavra muçulmi.

O que é o Sincretismo?

Etimologia Esta palavra foi usada inicialmente por Plutarco para designar a união de cretenses, de facções diferentes, que teriam feito vista grossa de suas diferenças, para fazer frente a um perigo comum que ameaçava a todos. Aqui já está presente o sentido de união, apesar das diferenças.

No século XVI Eramos de Rotterdam usa a palavra, latinizando-a, para significar mistura de doutrinas filosóficas ou teológicas. Assim alguém que procurou harmonizar Platão e Aristóteles é chamado de sincretista. Da mesma forma teólogos que procuraram conciliar o Tomismo e o Molinismo, bem como, os que procuraram reconciliação das facções Luterana e Reformada foram chamados de sincretistas.

Desde o séc. XIX o conceito é usado no estudo das religiões para designar a mistura de diversos cultos, divindades e religiões.

Por isso, *uma definição curta* e simples de sincretismo seria segundo Antenor Nascentes, “a reunião em um só sistema, de doutrinas heterogêneas” ou “amalgama de concepções heterogêneas”.⁴

Origem dos Sincretismos

Quais seriam as causas que ajudam o aparecimento de sincretismos? Uma resposta simples a esta questão seria:

1. a justaposição de povos com religiões diferentes. Esta justaposição se tem dado por causa de migrações, guerras de conquista, colonização, subjugação de povos, escravização, deportações etc.

2. Em Israel, muitas vezes, depois de justaposição de povos, tem havido casamento de algum líder, rei, comandante etc. e mesmo do povo em geral com pessoas que adoram outros deuses.

3. Num segundo momento, mesmo sem haver um esforço consciente ou sistemático, começam os fenômenos de comparação, apreensão, substituição, interpenetração, intercâmbio e misturas.

4. Num terceiro momento pode ocorrer o trabalho de sistematizadores, filósofos ou teólogos, líderes religiosos e até mesmo de políticos que procuram entender, classificar, simplificar, justificar e finalmente harmonizar os diferentes sistemas.

Alguns exemplos da antigüidade

1. No Egito antigo houve, na cidade de Heliópolis, um esforço de submeter ao deus Sol, todas as outras divindades, e de incorporar nessa teologia heliolátrica todos os mitos conhecidos sobre a luz, claridade, etc. Como explica Van Der Leeuw, "a religião egípcia como a dos gregos, procedeu de um grande número de religiões locais".⁵

2. A expansão militar, política e econômica de Roma, a colocou em contato, praticamente com quase todos os povos do mundo então conhecido. Por isso a história de sua religião comporta pelo menos as seguintes fases: a) a fase nativa, b) a fase italiana e etrusca, c) a fase grega e greco-romana, d) a fase oriental e, e) fase cristã.

Cada fase significou uma co-existência e uma influência maior de um tipo de religião assim como misturas, sincretismos nessas direções. Graças à convivência das diversas religiões no Império Romano, produziu-se uma familiarização, um conhecimento mútuo e daí, comparações, e simplificações.

es. Por exemplo, divindades semelhantes foram identificadas como sendo uma e a mesma.

Assim Júpiter Capitolinos e Júpiter latiaris foram reconhecidos como manifestações diferentes do mesmo deus. Mesmo deuses diferentes, de nações diferentes, receberam esse tratamento: o Júpiter Romano, o Zeus grego, o Mithras persa e o Attis frígio, seriam todos a mesma divindade chefe. A Grande Mãe, Isis, Ceres, Demétria, Ops, Rhea e Tellus seriam todas a Grande Divindade Materna, com máscaras diferentes. Os pares divinos como: Vênus e Cupido, Afrodite e Adonis, a Grande Mãe e Attis, Astarte e Baal, Demétria e Dionísio, Isis e Serapis, seriam essencialmente o mesmo par.

3. Exemplos mais recentes seriam uma afirmação de Mahatma Ghandi: “Eu creio em Vedas, em Upanishads, em Puranas e em tudo o que compreende com livros sagrados dos Hindus. Mas presumo que tanto quanto os Vedas, a Bíblia, o Corão e o Zend Avesta são de inspiração divina”.⁶ Nas reuniões religiosas organizadas por Ghandi, um hino anglicano era seguido de um hino hindu.

4. No Japão muitas pessoas se consideram Budistas e Shintoístas ao mesmo tempo, pois as duas religiões são usadas como legítimas formas de relacionamento da família imperial com os antepassados e as divindades. E, por isso, seriam *modos legitimamente japoneses de todos se relacionarem com antepassados e divindades*. Novas religiões no Japão, misturam com os dois primeiros, um pouco do que se crê ser Cristianismo, e mais algum tempero segundo o gosto dos fundadores. Um estudioso destes assuntos diz: “através de toda a Ásia, a tolerância religiosa reflete a incapacidade ou a relutância da mente oriental de pensar em termos exclusivos”.⁷

5. Segundo Van der Leeuw, no Islã se dá mistura do Judaísmo, Cristianismo e religiões primitivas dos povos árabes.⁸

6. Um exemplo bíblico poderia ser o caso do rei Salomão: "sendo já velho, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; o seu coração não era de todo fiel para com o Senhor Deus, como fora o de Davi, seu pai. Salomão seguiu a Astarote, deus ados sidônios, e a Milcom, abominação dos amonitas" (I Rs. 11.4,5). Na reforma de Neemias, casamentos mistos são condenados, citando-se o mau exemplo de Salomão (Ne. 13.23-29).

O Sincretismo no Brasil

O sincretismo no Brasil se dá pelo encontro do povo Português com os índios e com os escravos provindos da África. Os estudiosos das religiosidades Afro-americanas têm comparado a situação das revivescências da herança cultural da África nas Américas e tem notado, por exemplo, que, enquanto no Haiti houve maior liberdade da prática de religiões africanas, no Brasil houve liberdade moderada, e nos Estados Unidos menos liberdade. E isto produziu e tem produzido formas diferentes de revivescências e reinterpretções da herança africana nesses lugares.

Já vimos algo da riqueza e variedade da herança cultural e religiosa da África. Se fosse examinado detidamente, poder-se-ia anotar também uma grande variedade de influências cultural e religiosa dos indígenas. Os estudiosos do Catolicismo no Brasil têm também indicado uma variedade de tipos de catolicismo vigentes no Brasil em diferentes épocas, em diferentes camadas sociais etc. Por exemplos: o catolicismo medieval de cruzadas (de cruz e espada), catolicismo patriarcal abasileirado também chamado de tradicional, o catolicismo romanizante dos bispos reformadores, o catolicismo internalizado de elites, o catolicismo popular das massas, o catolicismo da atualização do *aggiornamento*, o catolicismo carismático, etc.

Isto indica a grande diversidade de situações e combinações de tipos.

Evolução dos Julgamentos do Sincretismo

O exame de conceitos emitidos sobre a religiosidade popular no Brasil permite anotar uma certa evolução, desde julgamentos francamente negativos, em que se entende como deformação, aberração, malformação do catolicismo verdadeiro, ortodoxo e canônico... até definições em que se procuram ver heroicidade, resistência, luta e esforço de ser humano e cristão em uma forma alternativa...

Uma definição de autor católico, sobre religiosidade popular serve como uma descrição do que seria o sincretismo presente no meio do povo: "Religiosidade popular é um conjunto policrômico e não homogêneo de manifestações religiosas (crenças, valores, costumes, atitudes, práticas, percepções) que se dão à margem ou fora das definições e do controle das organizações religiosas institucionais, possuindo portanto uma relativa autonomia em relação às mediações eclesiais e as respostas religiosas que nascem fora da realidade vivida e sofrida pelo próprio povo".⁹

Essa definição procura ver no sincretismo algo positivo, quando usa a palavra "policrômico", de evidente valor estético, em contraste com palavras como deformação, degeneração ou desvio da fé ortodoxa. Na verdade a definição contém um grau de crítica às instituições religiosas determinadoras da ortodoxia, como sendo instituições alienadas da "realidade vivida e sofrida" pelo povo. E chama a atenção para a importância de se entender o que realmente o povo está experimentando.

Na reavaliação do fenômeno do sincretismo nos tempos atuais, a contribuição de estudiosos de ciências humanas têm feito ressaltar toda a realidade do encontro, dominação, conflito, resistência, etc., que são concomitantes com o nascimento de um culto sincretista. E por isso não só se avalia a questão da formulação doutrinária, mas também a situação humana como um todo.

Por religião popular (sincretismo) entendemos a totalidade de convicções e práticas religiosas, formadas por grupos

étnicos e sociais, na confrontação de suas culturas típicas com o cristianismo, como cultura dos povos dominantes. É uma tentativa de conservar sua identidade e existência como um povo que sabe que na religião, na sua fé e nas suas celebrações rituais pode afirmar a sua modalidade de ser humano e cristão.¹⁰

Nesta definição se revê toda a história do continente Latino-Americano: a história política, racial e religiosa: descoberta, invasão, confrontação e dominação dos povos aborígenes pelos representantes das coroas européias (especialmente, mas não unicamente, as ibéricas), transferência forçada de povos escravizados da África, a história de dominação pelos invasores das populações majoritárias, a história de resistência, busca de identidade e desenvolvimento de modos de existir, sobreviver, ser e se expressar como seres humanos com dignidade, mesmo estando em condições de servidão, de pobreza e deserção social, econômica, cultural e política. Reconhece-se, com otimismo, uma certa criatividade no campo religioso que serviria para afirmação de "dignidade humana". E a dimensão teológica é afirmada na expressão "modalidade de ser homem e cristão", expressão que indica o reconhecimento de que há mais de uma maneira de ser humano e cristão: cultural, racial e confessionalmente.

Esta definição procura fazer justiça aos dados das ciências como antropologia, sociologia, economia e história, à luz da consciência dos direitos humanos universais, como formulados e subscritos pelos países membros das Nações Unidas.

O que acontece nesta evolução de forma de julgamento de religiões não oficiais é fundamentalmente um trânsito desde um ponto de vista etnocêntrico e unilateral dos povos conquistadores e suas elites, para o ponto de vista dos povos dominados, num esforço de apreender com maior justiça, todo o que implica a existência de formas alternativas de culto.

Os evangélicos têm reconhecido estes fatos, como por exemplo, quando declaram: "O evangelho não pressupõe a superioridade de uma cultura sobre a outra..." "Uma vez que

o homem é criatura de Deus, parte de sua cultura é rica em beleza e bondade”.¹¹ Estas afirmações, como o foram também o Concílio de Jerusalém (Atos 15) e as epístolas paulinas aos Gálatas e aos Romanos, são contra o etnocentrismo teológico de certos julgamentos.

Ao mesmo tempo, alertam para o perigo de um julgamento humanisticamente otimista das culturas quando complementam: “A cultura deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras ... Pelo fato de o homem ter caído, toda a sua cultura está manchada pelo pecado e parte dela é de inspiração demoníaca”.¹² Isto referindo-se tanto às culturas ocidentais tradicionalmente tidas como cristãs, como as outras culturas.

A Base Bíblica

A Bíblia certamente é base para a atitude evangélica sobre este tema. Ela diz que Deus é o Criador dos céus e da terra, e de todos os povos. O Antigo Testamento se concentra em Abraão, e seus descendentes, os judeus, mas a sua perspectiva é bipolar: Judeus como um ponto focal, mas com vistas à bênção para todos os povos do mundo. Isto está na promessa a Abraão: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn. 12). Está na experiência de José no Egito - José, o provedor, primeiro ministro e grande benfeitor desse Império. Está na história de Rute, a moabita incluída na herança judaica. Está na vocação de Jonas para anunciar as boas novas na cidade pagã de Nínive. Está na imagem do messias em Isaías por quem os povos do mundo esperarão. E assim por diante.

O Novo Testamento retoma este assunto na experiência da mulher samaritana e da mulher sírio-fenícia, ambas aceitas e abençoadas por Jesus; na experiência dos centuriões romanos tementes a Deus; na grande comissão de Jesus, na promessa e na experiência do Pentecostes; no encontro de Felipe com o Etíope; no encontro de Pedro e Cornélio; na

missão de Paulo aos gentios e na presença de um número incontável de milhares e milhares de pessoas de todas as raças, tribos e nações, louvando o cordeiro no Apocalipse (Ap. 7.9).

Juntamente com essa abertura total e disposição para incluir todos os povos do mundo, a Bíblia não abdica seu outro ponto focal em um povo, uma família e uma pessoa: a pessoa de Jesus Cristo. Há a abertura total para todos os povos do mundo, mas em nenhum momento, se sugere quem o sincretismo seja uma coisa desejável ou aprovável. Antes existe uma forte e sumária condenação de tudo o que signifique diluir o monoteísmo de Israel. A partir do “não terás outros deuses” do decálogo (Ex. 20), passando pelo bonito exemplo da Moabita Rute que diz a Noemi sua sogra: “o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus” (Rt. 1.16), pela confrontação entre Baal e Deus e a conseqüente condenação dos profetas de Baal à morte (I Rs. 18.20-40), chegando mesmo a ridicularizações de ídolos que têm boca e não falam, olhos mas não vêem, ouvidos mas não ouvem, e nada podem fazer por seus adoradores (Sl. 115), todos os homens de Deus, profetas, reis e sacerdotes condenaram o sincretismo.

Atitude de Jesus Cristo com respeito a Israel e ao Deus Pai

No Novo Testamento, a atitude de Jesus com respeito a Israel, ao Antigo Testamento e a Deus Pai também foi fundamental para que o Cristianismo não viesse a constituir um sincretismo com o Judaísmo. Jesus foi um filho leal da nação judaica, conhecendo sua fé, suas práticas e o verdadeiro espírito de seus costumes. Jesus honrou os heróis, os profetas e os escritos de Israel, como sendo sua própria história pessoal e como sendo revelação da vontade de Deus e de Deus mesmo. Em nenhum momento tentou ser uma divindade rival ao Pai. Antes se apresentou como filho que amam e honra o Pai, mesmo com o risco de sua própria vida. Essa atitude torna o

Cristianismo uno com o melhor do judaísmo, com a realização das esperanças centrais de Israel.

Por isso, nas palavras do Senhor Jesus: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo. 3.16). O mundo todo é ponto focal, mas o Filho unigênito, em perfeita consonância com o Pai é o outro ponto focal. No movimento missionário e de evangelização, também, conforme expressado na grande comissão: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, e fazei discípulos **de todas as nações**, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação do século” (Mt. 28.18-20).

Os dois focos: Jesus e todas as nações não são pontos estáticos, mas são ponto inicial e objetivo a alcançar, num movimento em obediência ao “Ide”: alcançar, discipular, ensinar e ajudar. O Senhor que promete estar com os discípulos todos os dias, está também em movimento. Os dois pontos focais são pontos dinâmicos em tensão criativa.

Por isso, os discípulos não se julgaram iniciadores de uma nova religião rival do judaísmo, antes freqüentavam o templo e se julgavam bons e leais judeus, filhos legítimos de Abraão, seguidores dos profetas de Israel; consideraram-se ovelhas perdidas da casa de Israel resgatados pela graça de Deus, e pela grandiosa obra de Deus em Cristo Jesus - sua morte e ressurreição. Tal é o sentido do discurso de Pedro em Pentecostes, de Estevão na hora de sua morte, de Paulo aos Romanos, e do autor da carta aos Hebreus.

A Atração do Sincretismo para a Mente Moderna

O sincretismo tem uma atração particular para a mente moderna. À primeira vista isto não está visível. Ela pressupõe uma relativização das doutrinas e religiões. E isto certamente constitui atração para o pensamento que faz do homem e sua

auto-realização o centro de tudo, ficando todo o mais em subordinação a essa finalidade. Mesmo sem ser particularmente devoto ou religioso, o sincretismo produz esse subproduto que é extremamente atraente para a mente moderna. Ele implica na relativização das doutrinas e de religiões. E isto cria espaço para a relativização da moral, da ética e da conduta. Não havendo imperativos para sua conduta, o homem pode erigir-se a si mesmo e seus caprichos, como critério do que é bom, justo e verdadeiro.

Mas o homem contemporâneo prisioneiro de religiões, de temores ou do secularismo humanista e do vazio, tem profunda necessidade de encontrar e conhecer o seu Senhor.

Corrigindo Atitudes e Reafirmando o Senhorio de Cristo

Se houve no passado atitudes de ignorância, arrogância ou desrespeito com relação a outros cultos, devemos mudar de postura. Mas devemos dar o testemunho da “unicidade, indispensabilidade e centralidade do nosso Senhor Jesus Cristo”.¹³

Como diz o Manifesto de Manila (Lausanne II): “Uma vez que os homens e as mulheres foram feitos à imagem de Deus e vêm na criação traços do seu Criador, as religiões que têm surgido às vezes contêm elementos de verdade e beleza. Entretanto, não são Evangelhos alternativos”.¹⁴ Nós vemos que no livro dos Atos dos Apóstolos muitíssimos sacerdotes judeus se convertiam (At. 6.7). Por isso concordamos com o documento citado, quando diz: “Já que os seres humanos são pecadores e já que ‘o mundo jaz no maligno’ (I Jo. 5.19) até mesmo pessoas religiosas precisam da redenção de Cristo”.¹⁵ Anunciar isso, sem arrogância, desrespeito, ou hostilidade para pessoas que seguem outras religiões, ou que seguem sincretismos, mas com amor e firmeza é o desafio que temos diante de nós. “Nada nos autoriza, portanto a di-

zer que a salvação pode ser encontrada fora de Cristo ou à parte da aceitação explícita de Sua obra através da fé.”¹⁶

Notas

1. **Les Religions Africaines au Brasil**. Presses Universitaires de France, 1960. 578 p. Especialmente às páginas 241-305.

2. **O Negro na Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, Livraria Editora da Casa do Estudante, 1965.

3. **Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro**. S. Paulo, Cia. Editora Nacional, Coleção Brasileira, 1967.

4. **Dicionário da Língua Portuguesa**, Academia Brasileira de Letras, Departamento de Imprensa Nacional, 1943.

5. **La Religion dans son Éssence et ses Manifestations**. Paris, Payot, 1955. 590 p.

6. Citado por Van der Leeuw, *Ibidem*, p. 591.

7. Harry Thomsen. **The New Religions of Japan**. Ver. and Tokyo, Ch. E. Tuttle Co., Rudland, 1963. p. 29.

8. *Op. Cit.*

9. P.A.R. Oliveira, Edenio Vale e A. Antoniazzi. **Evangelização e Comportamento Religioso Popular**. Petrópolis, Vozes, 1978. p. 45.

10. G.P. Süss. **Catolicismo Popular no Brasil - Tipologia e Estratégia de uma Religiosidade Viva**. S. Paulo, Loyola, 1979. p. 14. Definição de Paraguay, apresentada por J.H. Muller, em *Orientierung*, 40/21, 1976 (230) e citada por Süss. A palavra em parênteses é nossa.

11. **Pacto de Lausanne - Parágrafo X**, 1974. Em “Para que o Mundo e o Brasil Ouça a sua Voz”. Coleção de Documentos editados pela Comissão Brasileira de Evangelização. Belo Horizonte, 1991. p. 12.

12. **Pacto de Lausanne**. *Ibidem*.

13, 14, 15 e 16. **Manifesto de Manila, Lausanne II, 1990**. Em “Para que o Mundo e o Brasil Ouça a Sua Voz”, p. 22.